

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

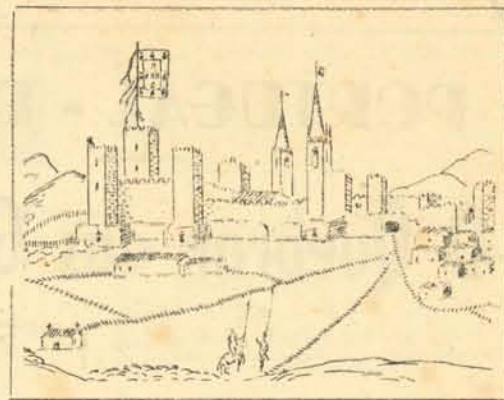
RUA DOS COMBATENTES DA 2.ª GUERRA, N.º 118-119

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



## "SUB TEGMINE FAGI"

Um dos acontecimentos que mais impressionaram a sensibilidade concentrada de observadores filósofos, nas últimas horas, do relógio da vida, foi a morte fulminante de Teodósio de Sousa e Silva Mendes da Costa, o "Melro".

Engraixador de profissão, cujo "curriculum vitae" está já feito com particularidades de cunho sem dúvida histórico, o "Melro", antigo combatente das trincheiras gaulesas, tinha, além de outros atributos que lhe eram peculiares, a faculdade de saber aliar os produtos da sua "boite à cirage" com a conversa informativa, espécie de cine-magazine, para diversão e passa-tempo do freguês, em regra efectuado e melancólico.

E, se conversar com o "Melro" não era o mesmo que tirar um curso de insignificância, dez minutos de engraxadaria correspondiam ao sumário mais completo dos acontecimentos da semana, para ele, como na ciência astronómica, de início sempre mutável. Tudo dependia do momento em que tinha registado a última presença do freguês. Era uma culminação sideral.

Habitua-se e tomara aquele jeito de estar à coca, nos campos de batalha, quando, cumprindo (e bem) o seu dever ia ceifando nos inimigos, que caíam como tordos. (coitadinhos!).

Na verdade, dispostos os elementos e artefactos daquele seu estabelecimento ambulante, o "Melro" encarava o "paciente", fixando-lhe um olhar de lectícia, investigador e bem ladino.

Era um sintoma, como o "pano" nos "estados interessantes", ou a amarelidão característica das perturbações gástrico-intestinais. Depois a "crónica" surgia, fatal como o destino.

Nesta fase de introdução é que seria curioso vê-lo fixado na tela por artista de génio, que se resolvesse a pintar uma galeria de engraxadores-filósofos.

Aquela altura não exagerada, aquele olhar por vezes morno e reflectido, aqueles poucos cabelos desgrenhados, davam-lhe um não sei quê de estilo elevado, um tudonada de enciclopédia pela imagem.

É que o "Melro" ia catalogando nas horas vagas ou enquanto tornava espelhos os sapatos dos fregueses, toda uma colecção de di-

tos de espírito e todos os espíritos sem ditos...

Nestas circunstâncias, tomava então um aspecto melancólico, de retraimento e registo, algumas vezes reforçado pelas suas habituais lamentações, sempre referentes ao preço do material, ao aumento dos cremes, à carestia insuportável das escovas de dar lustro.

Se não fossem as fórmulas que ele sabia, e não revelava a ninguém... perdido estava o "Melro".

Mas esses segredos, que levou para a cova, lá lhe iam salvando a "loja" e permitindo o alcance das magras sopas que o mantinham e lhe adoçavam certos movimentos peristálticos do estômago.

Os segredos do "Melro", espécie de "Livro de São Cipriano", sempre nos pareceram um tanto inexistentes, mas nunca tiveram o alto grau de vacuidade atribuível, justamente, a certas competências e culturas.

Dê-lo não se poderia afirmar, sem injustiça, o que o Dr. Alfredo Pimenta equilibradamente escreveu, quanto a determinado escritor que nos visitou, há já um quarto de século: "autêntico tipo de aventureiro intelectual, que homens graves da cultura portuguesa se não envergonharam de receber e acaudilhar".

Eram, sem dúvida, de mérito as galantarias do bom engraxador, entretenimento que ele atirava para os escaninhos da conversa, a tempo e horas, com simpatia e gentileza, como numa sala das antigas se abria o álbum dos retratos, para a observação de "cuias" e "balões", enquanto não aparecia a "senhora", demorada pela etiqueta, pelas discussões com a criada ou pela má-criação dos "meninos".

Nestas saletas antigas, aparecia sempre um menino beicudo, incomodativo e presunçoso, miniatura das basófilas paternas e em geral "distinto", nos exames de Instrução Primária. Um menino sempre mais prejudicial do que o "Melro"; e indubitavelmente muito menos bom-informador, estado de atrofamento psico-social, que se devia filiar por certo na falta de prática, por "não ir à rua...".

Com o "Melro", porém, os casos, felizmente, eram inversos.

Olhar ladino, trocista, inteligente; e uma série de referências sobre

coisas e pessoas que quase sempre deslumbrava pela propriedade dos termos, o bem-achado das conclusões, a beleza do ridículo que ele sabia pôr nas suas crónicas, rápidas como contos de Copée, conceituosas como versículos da Bíblia. E, num abrir e fechar de olhos, o freguês do "Melro" ficava inteirado, ao modo larussiano, dos mais latejantes acontecimentos do dia, podendo até levar para casa, na retina, como se as tivesse observado em fotografia, as imagens dos comparsas que mais tintas tinham gasto, da sua paleta de artista.

Se a história pudesse ser feita assim, que maravilhas não nos seriam reveladas!

François Champolion, Botta, Vissière, eram caloiros na investigação da história e da lenda.

E chegava-se a concluir pela inutilidade dos Guizots, dos Cantus, Mommsens, dos Macauleys, substituídos, com vantagem, por um pelotão de engraxadores, com Torres do Tombo nas suas "boites à cirage".

Há dias, após um passeio inesperado por burgo solarengo e ex-fidalgo, entrámos maquinalmente num Café, procurando engraxador. Dos muitos que surgiram, chamámos um, ao acaso.

O homem apurou-se o mais que pude, fez-se substituir duas ou três vezes por "colegas" requintados na arte de dar lustro, mas nenhum conseguiu fornecer aos sapatos ferreados, tão habituados a lisonjas, aquele brilho incomparável, que era o grande segredo do "Melro".

A par da "filosofia do vestuário" de que Fradique nos fala, em conversa com o seu alfaiate Seturmm, havia também a "filosofia da graixa".

Esta perdeu-se com o "Melro".

Folgamos informar o público de que começam a ser compreendidas as actividades do Rancho Típico das Cantarinhas de Nisa.

Na verdade, seria mesta ingratidão lançar ao olvido o que já se tem realizado, obra digna de apreço e mais que de apreço: de protecção.

Na arte, como em tudo da vida terrena, sem elementos materiais, não há espírito que resista.

Sabemos que tudo está difícil, mas "para vontades empenhadas, nunca houve empresas difíceis". E lamúrias existem desde o princípio do Mundo.

Foi, sem dúvida dentro deste critério que o Sr. José Gomes Esteves acaba de ofertar ao Rancho a quantia de quinhentos escudos.

Atitudes destas merecem publicidade, não só por razão de justiça, mas também porque se trata de um exemplo que outros devem seguir. Isto de querer exaltar Nisa sem convite à bolsa é utopia, utopia e mania.

Entretanto, Rodrigues Correia não desiste; e, por isso mesmo, lá foi ele agora, por esse Portugal além, até Fátima, distribuindo réclamos da Vila: Os Ranchos de Nisa vão saudar o povo de todas as localida-

des por onde o veículo passe. "Conheça a louça regional de Nisa", "Cantarinhhas Pedradas", "Visite Nisa", a "Porta da Vila", "Nossa Senhora da Graça".

O "Café Restauração", do Sr. Miguel Marques Dias também ajudou. E o prospecto lá fala bem claro desta Casa: almoços, especialidade de bifés, cachorros, pregos, bolos regionais.

Nem faltou o pé-quebrado:

**Se deseja almoçar, não perca a ocasião: aprecie o paladar dum bife à Restauração**

Tudo isto é simpático; e Nisa tem de acordar da indiferença, para concluir que "para a frente é que é o caminho".

O Rancho não pára; pleno de vida e de boas-vontades, seguirá seu rumo em escala ascendente.

Já tem vários convites para actuar em diferentes localidades, tais como Vale do Arco e Aldeia da Mata. E outros hão-de vir com certeza, num dealbar de bom senso. São estes os nossos votos. Para a frente, pois, porque parar é morrer.

Este número foi visado pela Censura

Pede-se aos Senhores Assinantes que liquidem os recibos correspondentes, principalmente os que vivem fora da Vila, pois não há possibilidade de mandar recibos pelo Correio. A cobrança em Nisa vai ser feita em breve.



Rancho  
Típico  
das  
Cantari-  
nhas de  
NISA  
UM SONHO  
QUE SE  
REALIZOU



## PORTUGAL - BRASIL

### O Quebrar das Grilhetas

por Júlio Dantas

Ó florentino túmulo de prata!  
Ó sepultura de catorze versos!  
Demais viveu em ti, aprisionada,  
a asa vibrátil do meu pensamento!

Demais sofri a dura disciplina  
do teu chicote de quatorze pontas,  
soneto arcaico, inquisidor vermelho  
que Petrarca há seis séculos gerou!

Ó taça antiga de catorze gomos,  
taça d'ouro de Guido Cavalcanti,  
bebi por ti, mas atirei-te ao mar.

Não se ouvem mais os címbalos da rima!  
Asa liberta voa em liberdade!

Jaula de bronze, estás aberta, enfim!

\*\*\*\*\*

## ≡ A VOZ DA ALMA ≡

### (Reflexões de um Jovem...)

De olhar puro, inocente e bom,  
ei-lo, na encruzilhada, estático, pa-  
rado, contemplando a estrada ne-  
gra e íngreme da vida.

Quantas lutas, que sacrifícios  
tamanhos, tantos esforços dispen-  
didos na intenção de possuíres  
amor e tranquilidade na tua alma  
pequenina, meu caro jovem!

Longo o caminho já calcu-  
reado.

Perdida na distância a tua mei-  
ga e despreocupada meninice, afa-  
gada por doces carícias de mãe ex-  
tremosa, tu que bem no fundo con-  
tinuas criança, criança de fonte er-  
guída, sem vaidade que nunca ti-  
veste.

Terá valido a pena?...

Vale sempre a pena, meu bom  
jovem amigo, a quem dedico estas  
linhas, escritas sem pretensão.

A luta será grande, mas, disse  
alguém: "para ser feliz, sem rene-  
gar a cruz, é preciso saber levá-la".  
Deus espera muito de ti.

Confiou-te uma missão deveras  
sublime.

Anda, não demores, vai de to-  
do o coração cumpri-la digna e se-  
renamente.

Tu que és jovem, que és bom,  
que sentes palpitar no peito a cha-  
ma da luz inapagável e da verdade,  
não cerres o olhar a tanto mal que

\*\*\*\*\*

### « Pax in Terris »

Partiram da Vila muitas pes-  
soas que foram a Fátima orar à  
Virgem. Que Nossa Senhora as  
proteja. Algumas viajaram a pé,  
vencendo vales e montanhas, almas  
sedentas de Beleza.

É que não contam os trilhos  
ásperos da Terra, quando todas as  
esperanças estão postas no Céu.

por aí campeia e alastra desenfre-  
adamente.

De cabeça erguida e de espada  
em punho urge defender aquilo  
que em ti Deus insuflou.

Trabalha sempre no sentido de  
vires a ser um HOMEM no pleno  
sentido da palavra.

De olhos em Deus e com a  
mesma fé de sempre consegui-lo-às  
verdadeira e cristãmente.

E, quando te sentires desanimar,  
vai lançar-te nos braços d'ELE.  
N'ELE, que é infinitamente bom e  
justo, encontrarás compreensão e  
paz, paz sem mácula que te enche-  
rá o coração de alegria.

ELE, o Cristo de ontem, o Cris-  
to de hoje, o Cristo de amanhã, o  
Cristo de sempre, caluniado, vili-  
pendido, apedrejado, CRUCIFI-  
CADO.

Tu também tens a tua Cruz.

Saber perdoar, saber calar, sa-  
ber sorrir, quando o coração cho-  
ra... Eis o lenho da Cruz! Adora-  
-a! É Deus que vo-la apresenta.  
Saber suportar com resignação os  
acontecimentos desagradáveis é já  
sacrifício.

Abraça-te fortemente sobre a  
alma e deseja-te venturas mil o jo-  
vem amigo

JOÃO MARIA CASTANHO

\*\*\*\*\*

## O TEMPO

Não chove. A lavoura vê amea-  
çadas as colheitas. Alguém nos fa-  
la em preces a Nossa Senhora da  
Graça. Concordámos, muito sincer-  
amente, mas o caso deve ser tra-  
tado com quem de direito.

O jornal cá está, para apoiar sem  
reservas a sugestão inteligente.

## Cartória Notarial de Nisa

A cargo do Notário Licenciado em Direito

Doutor José Augusto Traústo Basso

### CERTIDÃO NARRATIVA

CERTIFICO, para cum-  
primento do disposto no ar-  
tigo 97, n.º 3 e artigo 108  
do Código do Notariado,  
que no Cartório Notarial de  
Nisa, no livro de notas pa-  
ra escrituras diversas nú-  
mero 17 B de folhas 60 ver-  
so a folhas 64, se encontra  
exarada uma escritura ou-  
torgada em 5 de Maio de  
mil novecentos sessenta e  
cinco, pela qual os justifi-  
cantes João da Graça Bas-  
so, pedreiro, natural da fre-  
guesia do Espírito Santo da  
vila e concelho de Nisa, e  
sua mulher Maria da Pie-  
dade Marques, de ocupa-  
ção doméstica, natural da  
freguesia de Nossa Senho-  
ra da Graça da vila e con-  
celho de Nisa, moradores  
em Nisa, afirmaram e de-  
clararam ser donos e pos-  
suidores do prédio urbano  
adiante descrito com exclu-  
são de outrém, o qual foi,  
por eles mandado construir  
inteiramente à sua custa,  
há mais de vinte e cinco  
anos, e em cuja posse pa-  
cífica, continua, publica, ex-  
clusiva e de boa fé têm es-  
tado desde a sua constru-  
ção. Mais declararam os  
mesmos justificantes não te-  
rem título legal a compro-  
var tal domínio e posse pe-  
la razão já exposta de te-  
rem sido eles próprios que  
o mandaram construir. De-  
clararam ainda os aludidos  
justificantes que haviam,  
préviamente adquirido o  
respectivo terreno em que  
edificaram o dito prédio  
urbano por compra, feita

\*\*\*\*\*

### TALVEZ FOSSE POSSÍVEL

Há bocas de incêndio na rua  
dos Combatentes; e calculamos que  
também existem no edifício do  
Hospital, ou nas circunjacências.  
A poeira, em nuvens sinistras,  
tudo avassala; e encrespa o cabelo  
às meninas bonitas.

Porque não umas regas abun-  
dantes, naquelas paragens, pelo me-  
nos nos meses mais cálidos? Seria  
um refrigério.

A única dificuldade deve estar  
na água da "Galiana" que, ladina  
e voluptuosa, gosta muito de cor-  
rer para o vale seu vizinho.

São amores antigos, do tempo  
de Pirene.

para o efeito, a Maria da  
Cruz, viúva, de ocupação  
doméstica, moradora que  
foi em Nisa, mas nunca foi  
celebrado o respectivo títu-  
lo de aquisição e, porque a  
Maria da Cruz é já falecida  
e por se tratar de um pré-  
dio urbano mandado cons-  
truir directamente por eles  
justificantes não têm eles  
justificantes qualquer docu-  
mento comprovativo do seu  
domínio e posse e não po-  
dem, portanto, comprovar  
esse domínio e posse pelos  
meios normais. PRÉDIO.  
Uma morada de casas com  
quintal, rez-do chão, pri-  
meiro e segundo andares,  
e dependências, situada na  
rua Dr. Oliveira Salazar,  
com os n.ºs 77 e 79 de po-  
lícia, na vila e concelho de  
Nisa, na freguesia do Espí-  
rito Santo, a confrontar pe-  
lo norte com prédio de Joa-  
quim Emílio Bizarro, pelo  
sul com prédio de João da  
Cruz Carrasco Toucinho,  
pelo nascente com prédio  
de Ovídio da Graça Seme-  
do e pelo poente com a  
dita rua Doutor Oliveira  
Salazar, ainda não descrita  
na Conservatória do Regis-  
tro Predial de Nisa e inscri-  
ta na respectiva matriz pre-  
dial, em nome do justifica-  
nte marido, sob o artigo 1783.

Está conforme ao origi-  
nal. Cartório Notarial de  
Nisa, aos seis dias do mês  
de Maio de mil novecentos  
sessenta e cinco.

A Ajudante:

Maria Tomázia da Conceição Alfaia

### HERANÇAS DA VANDÁLIA

Energúmenos, ainda desconhe-  
cidos, destruíram parte das grutas  
de Fátima, há pouco descobertas.

Chega-se à triste conclusão de  
que há "gente, gentinha, gentona  
e gentalha".

\*\*\*\*\*

### OS NOSSOS ASSINANTES

No próximo número, iniciare-  
mos a publicação da lista dos nos-  
sos assinantes.

Entendemos ser documento que  
muito interessa aos que vivem com  
a sua Nisa no coração.

### A' memória DO DR. GRANJA por Maria Pinto

O Dr. António Granja  
Deus o tenha em bom lugar;  
passou a vida sozinho,  
nunca pensou em casar.

Deus o levou para si,  
este homem sério e honrado  
Delegado de saúde  
de todos foi respeitado.

Tinha amor à linda Nisa,  
centro do seu coração;  
teve o fim da sua vida  
no Castelo de Mação.

Cá viveu trinta e tal anos,  
homem de bom coração!  
Amigo de rico e pobre,  
nunca teve opinião.

Deixou Nisa a muito custo;  
era dr. de primeira,  
muitos lá o foram ver,  
com a morte à cabeceira.

Não era homem de luxo.  
gente assim já não se cria,  
em Nisa deixou desgosto,  
nunca arranhou companhia.

Passou a vida sozinho,  
nunca resolveu casar;  
sempre na Pensão Correia,  
lá se ia procurar.

Muitas vezes, se o chamavam,  
dava resposta mal-dada;  
era naquele momento  
e, depois, não era nada.

Não era homem de graças,  
mas tinha bom coração;  
tinha fé para com Deus,  
tinha a sua devoção.

Corria as ruas de Nisa,  
logo pela manhãzinha,  
doente, às vezes, coitado,  
mas não dizia o que tinha.

Enquanto teve vontade,  
gostava de à pesca ir,  
nos domingos um bocado,  
mas só para distrair.

Tinha o seu sofrimento,  
trabalhou até poder,  
mas não passava um só dia  
sem os doentes ir ver.

Era sério e honesto  
e por todos respeitado;  
quer do rico, quer do pobre,  
de todos era estimado.

Pois também tinha inimigos!  
(Hoje toda a gente os tem)  
mas com a bondade que tinha,  
já não se cria ninguém.

Amigo dos pobrezinhos,  
até esmolas lhes dava;  
e muitas vezes até  
os remédios lhes comprava.

Esteve no Hospital Velho;  
com José de Oliveira  
e a Sr.ª Caldeirinha,  
que era lá a enfermeira.

Fechou o Hospital Velho;  
e do Novo não gostou.  
Inda poz um consultório,  
mas já pouco se gostou.

Já se não cria no mundo  
gente assim para a pobreza;  
cada vez tudo pior,  
vamos chegando à moleza.

Inda empregou muita gente,  
pelo valor que ele tinha;  
tinha fé, tinha bondade,  
tinha a sua medicina.

Nunca levava dinheiro,  
só tinha o seu ordenado;  
mas daqueles que podiam  
às vezes era ajustado.

Nunca andava de automóvel,  
as ruas a pé corria.  
Rezemos-lhe Padre-Nosso  
junto com Avé-Maria.

Deus o tenha em seu descanso,  
a sua alma no Céu,  
tanto Anjo a acompanhá-lo  
como esmolas que ele deu.

Aos 68 anos,  
Deus lhe deu eterna gloria.  
Com a ajuda de todos,  
bem merecia uma memória.



## Camara Municipal de Nisa (Do Relatório de 1963)

### Matadouro e Casas de Matança

No Matadouro Municipal foram abatidos 245 444 quilos de carne das várias espécies, contra 192 118 em 1962 e 184 331 em 1961.

Aquele aumento verificou-se em ovinos, que atingiu quase o dobro do ano anterior, pois, em suínos, a matança foi menor, o que se compreende em face da diminuição desta espécie, causada pela peste africana.

Nas Casas de Matança foram abatidos 228 115 kgs. contra 235 142 em 1962 e 215 613 em 1961

Houve também menor matança de suínos, com excepção para a Casa de Matança de Amieira do Tejo, onde foi maior que no ano anterior.

As receitas cobradas durante a gerência foram as seguintes:

Taxa de utilização do Matadouro 63 205\$00 — Taxa de transporte de carnes (Nisa e Alpalhão) 29 419\$50  
Taxa de inspecção de carnes nas Casas de Matança 55 330\$20.

No mapa de fls. 51, vão estes elementos melhor esclarecidos.

### Serviços de fiscalização de impostos, posturas e regulamentos municipais.

A fiscalização dos impostos, posturas e regulamentos municipais, continua a ser exercida pelo Fiscal de Impostos Municipais e também pela G. N. R.

No ano findo foram levantados 616 autos de transgressão de natureza policial e 11 de natureza fiscal contra 723 e 17, respectivamente, em 1962, e 422 e 20 em 1961.

No mapa de fls. 65, se poderá verificar o número de autos registados na Secretaria desde 1944 a 1963.

Das 18 lojas existentes no Mercado Municipal, apenas 2 continuam alugadas.

Por outro lado as 58 bancas fixas continuam a ser insuficientes aos Domingos e 5.ªs-feiras.

O rendimento total, compreendendo mercados e feiras, foi de 113 584\$50.

O peixe entrado no Mercado durante o ano, atingiu o montante de 61 487,275 kgs, sendo aprovado para consumo 60 972 kgs. e rejeitado 515,275 kgs, conforme vai referido no mapa de fls. 52.

### Obras

Por este capítulo foi dispendida a quantia de 237 079\$00, contra 209 392\$00 em 1962 e 200 510\$20 em 1961.

Se referirmos que daqueles 237 079\$00, se dispendeu com pessoal do quadro (cantoneiros, etc), a quantia de 124 896\$30, facilmente se conclui que o que se dispendeu em obras, propriamente ditas, foi pouco em relação ao muito que há a fazer.

Em todo o caso construíram-se muros e aquedutos em que se dispendeu a quantia de 5 138\$80, adquiriram-se ferramentas e utensílios no montante de 1 027\$00, para as instalações da Fadagosa adquiriram-se artigos e utensílios. Na reparação dos Paços do Concelho,

dispensário Anti-Tuberculoso, edifício da Fadagosa e outros edifícios municipais, foi dispendida a importância de 17 781\$20, na reparação de estradas e caminhos, reparação de arruamentos nas povoações e conservação de aquedutos e muros, foi igualmente dispendida a importância de 48 228\$30 (não contando com os salários dos cantoneiros), na conservação e beneficiação de prédios rústicos; reparação de veículos e ferramentas, gastou-se a quantia de 4 755\$20, na aquisição de combustíveis, lubrificantes e outros artigos para a camioneta e respectivo seguro, foi dispendida a quantia de 9 986\$80, e às Juntas de Freguesia foram concedidas, para pequenas obras, subsídios no montante de 6 contos dado que mais não pôde ser.

A camioneta percorreu 17 656 kms, tendo consumido 3 330,6 litros de gasóleo, à razão de 18,8 litros aos 100 kms.

Em 1962 havia percorrido 14 642 kms, consumindo 2 700,2 litros de gasóleo à razão de 18,4 litros aos 100, e em 1961, 18 135 kms consumindo 3 128,8 litros à razão de 17,2 litros aos 100.

Dos 13 lugares de cantoneiro, incluindo 1 de cantoneiro-calceteiro, encontram-se vagos 4, incluindo este último, além do lugar de ajudante de motorista que está sendo desempenhado por um cantoneiro.

Há por isso que preencher os lugares vagos, logo que seja possível, visto haver absoluta necessidade de conservar o melhor possível a rede de estradas e caminhos municipais que, como se poderá ver pelo mapa de fls. 53, já compreende algumas dezenas de kms.

### Subsídios às Juntas de Freguesia

Como já atrás se disse, foram concedidos às Juntas de Freguesia subsídios para pequenas obras no montante de 6 000\$00, além de outros no montante de 8 100\$00 para despesas de expediente.

### Jardins e arborização

Cuidou-se como foi possível dos Jardins existentes, neles se tendo consumido em regas 3 156 m<sup>3</sup> de água, ou sejam mais 350 m<sup>3</sup> do que em 1962, tendo sido dispendida a quantia de 9 044\$00, contra 10 300\$00 em 1962.

Deve esclarecer-se que a aparente anomalia de se gastar mais e pagar menos, se deve ao facto de ter ficado água de 1963 por pagar.

### Serviço de Incêndios

Nada foi possível fazer para melhorar estes Serviços, por falta de meios.

Embora já tivéssemos consultado algumas casas sobre preços para aquisição de um pronto-socorro, a verdade é que as nossas condições financeiras não nos permitiram concretizar as nossas intenções.

Aguardamos pois, que elas se modifiquem para depois melhorarmos este Serviço que tão necessitado está de material, já que de pessoal o está muito satisfatoriamente.

## A CIGARRA E A FORMIGA

por Carlos Tomás Cebola

(Continuação do número anterior)

A FORMIGA — Quem está lá?

A CIGARRA — Eu. A Cigarra!

1.º SOLISTA — E, logo a porta se abriu, de par em par, e aconteceu esta coisa singular que nunca ninguém ouviu.  
Dona Formiga sorriu e disse:

A FORMIGA — Entra, amiga! a casa é tua.

Foge desse frio, da rua!  
Temos já o fogo aceso que o inverno vai ser duro, e temos a mesa posta!  
Vem POETA! Vem Cigarra!  
Posso assim recompensar a música com que animaste o meu duro trabalhar.

Pois, quando o sol apertava e eu suava, meio vencida, ouvindo a tua guitarra minha força renascia e só assim conseguia terminar a minha lida!

1.º SOLISTA — E a Cigarra, o POETA,

ficou tão embaraçada que não atinou resposta.  
Se ela, coitada, ouvira sempre contar que nesta altura da história a mandariam dançar!  
Lá entrou.  
Sentou-se ao lume e comeu à tripa forra e comeu até fartar.  
Depois...

A CIGARRA — Depois, pela noite fora,

no silêncio que caiu envolto no palor da lua que se espelhava na neve, começou a ouvir-se, muito leve, a música suave que saía dum guitarra antiga.  
Era a louca da Cigarra tocando, e talvez dançando com a sisuda Formiga.

MUSICA

2.º SOLISTA — A história não é igual, direis, talvez, àquela que, muita vez, vem nos livros da escola e nos compêndios da Moral.  
Pois não.

(Continua no próximo número)

é, no nono dia anterior à efectivação da festa.

Esperamos que tal falta não tenha repetição, pelo que, no próximo ano, as carreiras serão efectuadas, sendo fácil de concluir que, no corrente ano, mot vo alheio à n/vontade contribui para essa falta.

Eis a verdade. O resto são patranhas que o jornal não deixa proliferar, agora e sempre.

## AO DE LEVE

Desde que o mundo é mundo que existe o hábito, e tantas vezes a necessidade, dos homens se cumprimentarem. É coisa, portanto, muito antiga.

O que ainda não está averiguado é como seriam os cumprimentos das primeiras idades.

Hübner, Cuvier, Darwin, Buffon e muitos outros cientistas, catalogados na bibliografia dos sábios, e que se dedicaram a estudos complexos, nada disseram de positivo, quanto às mais recuadas maneiras de saudar.

Como se cumprimentavam os trogloditas uns aos outros? E como é que eles cumprimentavam as mulheres dessas épocas distantes, suas companheiras inseparáveis e indispensáveis? É mistério que os «imortais» ainda não desvendaram, mas que pode certamente ser explicado por qualquer insignificante de vilar.

Que todos se permitiam certas cortezias, pelo menos nas proporções cordiais de seu tempo, não há dúvida nenhuma. Pelas consequências observadas hoje, é de supor fortes causas de ontem. De outro modo, não seriam de admitir muitos acontecimentos históricos, já há longos dias considerados no domínio da ciência pura, como a constituição da família. Hoje época de grandes progressos em matérias sintéticas, ainda continua a organização familiar a ter origem num cumprimento. Com os olhos, com o chapéu, com a mão, num adeus mimoso e significativo, enfim, seja com o que fôr, é sempre dum cumprimento que as "coisas" começam e donde derivam todas as naturais consequências. Mas há até quem "fale" com os dedos; e mais ainda: quem cumprimente com os pés.

Há anos, observámos uma reverência desta espécie, que deixou num bolo a cara de pobre rapariga, vítima da exótica etiqueta.

É vulgarmente, observam-se as mais estranhas e inesperadas maneiras de saudar, com ditos e graçinhas selvagens, que às vezes põem pelas ruas da amargura as mães e as consortes de muitos pássaros de arribação. Eles lá sabem.

Nunca vimos nada de mais ôco, de mais insignificante. E tudo isto com a intenção de "subirem" na escala social e, promovendo-se a si próprios, entrarem na alta-roda de vastas presunções e contumélias.

Para casos desta ordem só existe uma mezinha eficaz: "le gros mot" de Pierre Cambronne.

"O Correio de Nisa"  
vende-se na Tip. Nisense

### Festa de Santo Isidro

Realiza-se no dia 23 esta festa, por iniciativa do Grémio da Lavoura e de uma Comissão de lavradores.

Como de costume, há concurso de quadras.

### Baptismos

— Teresa Maria Alexandre Moura, filha de José Dinis Moura e de Faustina Gamas Alexandre.

— António da Graça Cebolais Casimiro, filho de Alberto Serralha Casimiro e de Maria Semente Cebolais.

— Rui Manuel Polido Semente, filho de José Augusto Dinis Semente e de Mariana Antónia Polido

### Eis a Verdade

Da Empresa Transportadora Setubalense recebemos o seguinte

Tomamos nota do reparo inserto no número 11, 2.ª Série, de 1 do corrente, do v/conceituado jornal, pela não efectivação das carreiras eventuais entre essa localidade e Nossa Senhora da Graça, no dia da festa anual.

Na verdade, uma contrariedade, felizmente raríssima, deu ocasião à falta de que vos apresentamos desculpas e a todos os lesados.

O extravio temporário do pedido da organização das carreiras, ocasionou que esse pedido tivesse chegado a este escritório em data em que os requerimentos necessários já não podiam ter dado entrada na repartição competente, isto



ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO  
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES.  
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-  
TUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDÊNCIA  
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A  
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

# Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



## A CAPELA DE SANTA CATARINA

A propósito da demolição desta capela, que se erguia no lugar onde existe hoje a «Cruz das Almas», diz-nos o Doutor Motta e Moura, na sua «Memória Histórica»:

O primeiro «templo» que se demoliu, daqueles de que houvemos notícia, foi uma capelinha muito linda e asseada que havia a pequena distância da Vila, no caminho da Fonte da Cruz, no largo onde se dividem os caminhos para Alpalhão e para Gáfete, dedicada a Santa Catarina e às Almas Santas do Purgatório.

Ali concorriam anualmente as raparigas da Vila no dia 25 de Novembro, em formoso e jovial préstito, cantando e bailando, com seu estandarte, a celebrar os louvores e triunfos da filha de Costo, rei de Alexandria. E tinham-se feito uma numerosíssima confraria, a que as mais opulentas pertenciam; e deixavam-lhe legados para a sua festa e para as 25 missas, que ainda hoje lhe dizem nos dias que a precedem.

E, no dia seguinte, depois de terem bailado e

cantado, rido e folgado, iam chorar pelas suas amigas e parentes que se haviam finado, porque tinha lugar o ofício fúnebre pelas almas dos fiéis.

Acabou a devoção e a capelinha, no ano de 1643, numa invasão de Castelhanos, que a demoliram e aranjaram; e sua Dona refugiou-se na igreja do Espírito Santo, onde ainda anualmente se festeja, mas sem concurso algum de donzelas, sem aparato de festa, sem alegrias e folguedos da mocidade; antes com tal ingratitude e abandono que nalguns anos nem irmãos concorrem para lhe pegar no andor, na procissão que lhe fazem.

E ainda no dia seguinte se canta o mesmo ofício das Almas, com seu sermão e responsórios, pelos defuntos da Vila; e, no lugar onde ela estava, colocaram uma bela cruz com três degraus de cantaria em roda, que ainda hoje se chama a Cruz das Almas, aonde costumam ir de passeio os cavaleiros e donzeis da Vila, por ser o mais aprazível, ameno e concorrido.

## De Capa e Batina

Aires de Gouveia era lente austero, sem ser ríspido, e sabia fazer-se respeitar pelos discípulos, os quintanistas, que tratava graciosamente de colegas. Talvez por não saber interpretar devidamente esta afectada familiaridade do professor, o aluno António Francisco Santar tomou confiança demasiada, e, chamado à lição por Aires de Gouveia entendeu dever chalacear à vontade e poder gracejar sem consequências.

Enganou-se.

O lente deixou-o expandir à vontade, e, ao fim de certo tempo, deu remate à brincadeira com um: — Tem dito bem, colega. Queira sentar-se. No dia seguinte, Aires, sem olhar para a pauta:

— O Sr. António Francisco Santar — disse.

Santar que não esperava aquele lote e não sabia palavra da lição, levantou-se, atralhado, e, já sem desejos de brincar, lá foi ataman-

cando a lição, conforme ponde.

— Tem dito bem, colega. Pode sentar-se.

No dia imediato, de novo, Aires de Gouveia chamou:

— O Sr. António Francisco Santar.

Desta vez, Santar, desconfiado, tinha de véspera, estudado a lição, e saiu-se bem.

Ao outro dia, Aires de Gouveia, novamente, insistiu:

— O Sr. António Francisco Santar.

E doze vezes seguidas o pobre Santar deu lição, estudando a valer, e continuando ainda a estudar, depois que Aires de Gouveia deixou de o chamar, não fosse dar-se o caso de ao lente apeteecer repetir a chamada.

Saiu-lhe cara a brincadeira! E' que não se brincava com Aires de Gouveia.

(De "Tempos de Coimbra" — pelo Dr. António Cabral).

## "EX LIBRIS"

Uma das chamadas "ocasiões únicas" permitiu-nos adquirir apreciável número de obras primas, devidas em grande parte ao espírito clarividente da mentalidade francesa e britânica, verdadeiro vínculo tenaz que, há séculos, se tem imposto a todo o mundo, como o mais extraordinário "substractum" da cultura humana.

São factos que a História nos conta com particular realce e absolutamente fundamentados,

Quanto a isto "non certant sapientes".

É pois sem contestação que, Aquem e Além Mancha, os trabalhos de investigação literária, histórica, artística e científica atingiram, desde tempos já bastante afastados, um cunho especial e um grau de desenvolvimento que não seria justo deixar de garantir rem-se tornado a verdadeira formapadrão dos mais notáveis progressos da Humanidade!

É o que claramente se deduz dos elementos basilares da cultura geral, e a cada passo se demonstra, na presença dum grande número de trabalhos, espalhados por toda a parte pelos editores britânicos e franceses, considerando quanto a estes últimos o período que antecedeu a grande conflagração.

No entanto é também curioso referir que a actividade livreira da França se dirige, em grande parte, para a literatura e história britânicas, trazendo ao nosso espírito, sempre ávido de conhecimentos e cultura, do melhor que os anais ingleses possuem, em abundâncias de fábula.

Sempre considerámos estes factos como prodigalidade de Castália, exigida pelos que gastam com livros tempo que outros "aproveitam" com insignificâncias de literaturas de cordel.

Nestes casos de sapiência paisagética é sempre de exigir um contra-veneno.

É o que se passa com a "Histoire d'Angleterre" de André Maurois, que abrange todo o largo período histórico que medeia entre os primórdios da vida nacional britânica, até à época da rainha Isabel.

Armando Rio, a propósito deste notável trabalho, diz no seu estudo crítico, publicado em «Le Jardin des Lettres»: Maurois a remarquablement mis en lumière les raisons de la popularité de la grande souveraine.

Filha de Henrique VIII e de Ana Boleyn, a rainha Isabel, cuja personalidade magestática se pode apreciar e estudar na reprodução dum Probus que temos presente e cujo original orna a galeria de Versailles, encarna a verdadeira e requintada tradição real e a mais pura descendência nobiliárquica.

Espírito marcadamente esclarecido, nele encontramos a razão forte da sua extraordinária popularidade, que se traduz com eloquente

## Correio de Nisa

**Serviços de expedição** — O último número do jornal já foi distribuído com certa regularidade. Começamos a supor que se conseguiu um relativo equilíbrio. Entretanto, ainda há reclamações. São bem aceites, porque traduzem esta verdade, compensadora de muito trabalho e de muito bom ânimo:

Nisa quer o "Correio de Nisa". As excepções a esta regra, que a justificam, são poucas; mas bastante pitorescas.

**Palavras que convém registar** — Silvestre Bento Baptista diz-nos: "muito sinceramente, faço votos para que o nosso querido Jornal progrida, sempre sob a sua direcção; e que, dentro em pouco tempo, venha ele a constituir um motivo de orgulho para todos os Nisenses".

Agradecemos as boas palavras e as boas intenções e desejamos-lhe muitas venturas, nessa linda terra do Fundão, rica de bens materiais e de elevado grau de mentalidade, onde se sabe o que é um jornal.

**De Portalegre** — João Maria Castanho manda-nos a sua primeira colaboração. Recebemo-la de braços abertos, porque "os bons espíritos sempre se encontram". As portas do jornal ficam-lhe franqueadas, de par em par. Na sua carta, afirma que estamos "sempre longe dos "ditinhos" míseros e ignóbeis".

Nunca ele disse uma verdade tão profunda. E' uma visão introspectiva de grande equatorial.

**De Monção** — O Sr. Cândido Go-

mes de Carvalho enviou-nos um cativante cartão de visita, referindo-se ao jornal "que recebo sempre com alegria, como se tratasse dum amigo dessa muito saudosa terra de Nisa".

Este Sr., pessoa educada e ilustrada, tem ao seu dispor as colunas do modesto quinzenário. Aqui lhe fica o convite, feito com toda a sinceridade.

**De Lisboa** — O Sr. Francisco da Graça Bagulho diz-nos: "com os meus cumprimentos, venho desejar a esta segunda série do "Correio de Nisa" melhor sorte da que teve a malograda primeira série, de saudosa memória. Nisa, que é já hoje uma grande terra, bem merece um periódico, onde, com elevação se possam debater todos os seus problemas, concretizar todas as suas aspirações. Um jornal, quando bem orientado, é sempre maravilhosa fonte de instrução e progresso. Que Deus o ajude, pois, e a todos os seus colaboradores, são os meus sinceros votos.

Quero agora anunciar-lhe o envio de um vale de Correio, na importância de escudos 47\$50, para pagar, não só a minha assinatura anual desta nova série do "Correio", mas também os trinta e cinco números da primeira série, que nunca mandaram cobrar. E' sempre tempo de liquidar uma dívida".

Muito gratos, por esta atitude digna, própria dum homem de dignidade.

Se todos fossem assim, como o Sr. Bagulho!...

## Numismática...

Em casa, à frouxa luz do candeeiro,  
Pai, mãe, o noivo, a filha,  
Jogavam a manilha,  
Por mera distracção, mas a dinheiro.

A certa altura, o pai, que via pouco,  
Precisou fazer troco.  
E, tateando a mesa:  
Faltam-me três vinténs, tenho a certeza!

Acode a filha, achando o caso estranho:  
Pois olhe, eu não os tenho.  
O noivo, sonso, diz, cortando um rei:  
Eu cá não lhos tirei.

A mãe suspira e fica-se calada;  
Também perdera uns noutra cartada.

(Versos atribuídos a Bajorna de Freitas)

\*\*\*\*\*

clareza neste passo da «Histoire d'Angleterre»: «pendant tout son règne, elle fut en coquetterie avec son peuple».

Eis uma informação que nos parece bastante útil para a mentalidade local.

## Quem Canta

Moreninha, moreninha,  
Morangal dos meus desejos:  
A tua boca é cestinha,  
Os morangos são meus beijos.